

PMS	FMLI	Gratuito
BIBLIOTECA		
Jornal		
O Dia da Bahia		
Data		
27/03/06		
Caderno	Página	
Especial	04	
Seção		
Assunto		
História		
(Forte São Marcelo)		

Instituição

Forte São Marcelo será reinaugurado amanhã

Monumento histórico é reaberto como espaço cultural no aniversário de 457 anos da cidade

Carmen Azevêdo

Salvador ganhará um presente antecipado, na véspera do dia de comemoração pelos 457 anos da cidade. O Espaço Cultural do Forte São Marcelo, edificado no século XVII sobre um banco de areia na Baía de Todos os Santos, em frente à Conceição da Praia, será inaugurado amanhã, após quase sete meses de reformas. Para comemorar a revitalização do forte, uma festa somente para convidados, que acontecerá por volta das 18h, trará a diva Maria Bethânia para esquentar o espaço que agora será um centro de história, cultura e arte.

O centro cultural será aberto à visitação a partir de quarta-feira. O forte oferecerá aos visitantes um auditório, museus, restaurantes, lojas de produtos culturais e uma área para eventos. A loja conterà *suvenires* alusivos ao local e à arte da guerra. Segundo o diretor-presidente da Associação Brasileira dos Amigos das Fortificações Militares e Sítios Históricos (Abraf), coronel Anésio Ferreira Leite, O museu - que contará com tecnologia digital - será dividido em três temas: *Memória do Mar*, (o grande veículo que trouxe a nossa civilização para cá. Viajava-se 40, 60 dias no mar;

Após reforma de mais de seis meses, o Forte do Mar abre portas à visitação



TRANSPORTE

Os visitantes serão transportados ao local por um barco com capacidade para 30 pessoas, cujo passeio dura em média três minutos. Haverá horários especiais para a visitação de escolas. Em casos de eventos maiores, serão contratados mais barcos a depender do fluxo de pessoas. O preço para acesso ao local será R\$10.

te ("que mostrará o cotidiano no forte, o que eles usavam"). "Existem muitas imagens de Salvador que estão fora da cidade. Estamos tentando recuperá-las. E para quem tiver interesse, a loja de *suvenires* venderá cópias dessas imagens", frisou.

Viagem no tempo - Além disso, haverá uma espécie de canhão automatizado, que, apesar de não poder disparar tiros de verdade, poderá demonstrar para o usuário quanto tempo levava desde o carregamento com pólvora até o disparo. Durante o carregamento, que leva cerca de três minutos, haverá um telão mostrando o navio inimigo que se aproxima. "É justamente para que as pessoas tenham a verdadeira noção da dificuldade por que passavam os soldados e da ansiedade em que ficavam", frisa.

Uma sala de balística também será exposta aos visitantes, para que conheçam a artilharia utilizada na época e o quanto a arquitetura do forte protegia os combatentes. Um equipamento de TV junto à janela girará, mostrando determinados trechos do mar em diferentes épocas.

Os visitantes terão acesso também à midiateca, uma espécie de banco de dados que oferecerá a jovens e adultos a consulta a informações sobre Salvador, à disposição dos interessados por meio de vídeos e projeções virtuais. No forte funcionará ainda o *Buccaneros*, um restaurante que terá como tema a pirataria e o mar.

O monumento contará também com um espaço para eventos, como formaturas e shows, com capacidade para 500 pessoas. E um auditório para 30 pessoas será disponibilizado para encontros, cursos e palestras. Outra novidade é o espaço denominado "Memórias do visitante", em que cada um poderá registrar, verbalmente ou por escrito, a emoção de estar no local. "Os espaços são pequenos pela limitação de espaço do forte, mas variados e interessantes", afirma o coronel. Os projetos não param por aí. O coronel pensa em dispor de lunetas na parte superior do forte, para que as pessoas tenham uma melhor visão da área, mas infelizmente ainda não foi possível importá-las devido ao alto custo: seis mil euros cada.

A reforma, iniciada em 12 de setembro do ano passado, inclui obras de infra-estrutura. Segundo o subsecretário de Transportes e Infra-estrutura, Adriano Peixoto, as obras custaram R\$650 mil aos cofres da prefeitura de Salvador, e contaram ainda com o patrocínio das empresas Insinuante e LG, que cobriram os custos de instalação do museu e a manutenção do forte. Os R\$650 mil foram aplicados na limpeza, recuperação da argamassa, restauro das instalações elétrica e hidráulica, além da pintura.

No forte, já foram realizados limpeza para a retirada de fungos e de mofos, revestimento da estrutura com argamassa e pintura com tinta à base de sílico nas paredes pa-

ra impedir que a tinta se desprenda pela exposição ao sol e contato com a água. "Antes havia todo tipo de tinta, inclusive PVA, inadequada para este uso", frisa o subsecretário.

Houve também colocação de um corrimão no anel central, recuperação das instalações elétrica e hidráulica e iluminação cênica com luz branca, para facilitar a visibilidade do forte durante a noite. Dois sanitários públicos foram construídos.

O forte está ainda de cor nova. Ele exibe um terço de sua área externa pintada em cor de areia. Essa área era escurecida pela sujeira, conforme Adriano Peixoto. No momento, falta ainda a restauração das pedras da ba-

se do forte que ficam submersas. "Pela ação do mar e das chuvas, algumas pedras podem ter se estragado. E temos que recompor esses espaços, é um trabalho que terá que ser feito no futuro", destacou o coronel Anésio. Estima-se que o custo da obra ultrapasse R\$1 milhão, mas os recursos ainda não foram obtidos.

A ausência de reforma nestas pedras traz algumas limitações para o forte, como a impossibilidade de dar tiro de canhão. "É uma pena, porque o forte funcionava como uma espécie de relógio da cidade. Às 4h, disparava para acordar a população e, às 21h, disparava para avisar que já era hora de dormir", destaca o oficial.

Ele frisa, no entanto, que isso não atrapalhará o fluxo normal de visitantes no local. "Tenho evitado agendar eventos que recebam mais de mil pessoas, porque, com o som e as pessoas dançando, alguma das pedras poderá se desprender. Já um fluxo de pessoas de 50, cem a cada momento não afeta em nada o forte".

O professor do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (Ufba) e especialista em restauro dos monumentos, Mário Mendonça de Oliveira, complementa: "Realmente, algumas pedras têm que ser reconstruídas. E isso demanda muitos recursos porque o trabalho é feito dentro d'água.

Mas não vai interferir na vida do forte, contanto que se evite som muito alto, festas com muitas pessoas pulando, até mesmo espetáculos de fogos de artifício".

Ele ressalta que o mais importante no processo de reforma do monumento é a ocupação. "Quando o espaço passa a ser ocupado, as pessoas se sentem mais preocupadas em conservar. Não fica depredado ou submetido a vandalismo", frisa. O projeto de reforma foi autorizado e acompanhado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), responsável por proteger os monumentos nacionais. O Forte de São Marcelo é tombado pelo Iphan desde 1938.

Patrocínio da iniciativa privada

Formato circular remonta ao século XVII

Após o ataque de holandeses, no ano de 1624, o formato triangular e constituído de madeira deu lugar à arquitetura circular em alvenaria, que visava a proteção da cidade de outras invasões estrangeiras, sendo o único da América Latina com esse formato. O forte jamais sediou lutas com invasores porque, depois de pronto, não houve ataques de estrangeiros à cidade.

Apesar de ter a função de defender Salvador, houve momentos em que o canhão do monumento atirou na própria

cidade. Em 1912, por exemplo. O coronel Enésio conta que o forte atirou porque recebeu ordens do comando da região, já que o governador da época, Aurélio Viana, não queria entregar o governo. J.J. Seabra teria vencido a disputa para o governador da Bahia, que teimava em transferir o governo para a cidade de Jequié.

Aurélio Viana ocupou então a Câmara para impedir o trabalho dos deputados, desobedecendo à ordem do juiz federal, o que fez com que o presidente Marechal Fonseca

mandasse que a região cumprisse a ordem do judiciário. Dois oficiais foram até o Palácio Rio Branco, mas o governador pediu uma hora para pensar e, ao final do prazo, disse que não iria obedecer.

O comandante da região enviou então uma nota, avisando que haveria o uso da força militar. E depois de uma hora, o forte deu seu primeiro tiro, como uma espécie de aviso. Em seguida, bombardeou o palácio. Perdeu-se então a biblioteca mais antiga do Brasil.

Artista plástico era guardião do lugar

Muita saudade do forte marca a alma do artista plástico José Aureliano de Jesus, 62 anos, conhecido como o Zé do Patu. A paixão pelo forte começou em 1996, quando ele vivia no cais, trabalhando com carpintaria naval, próximo à rampa do Mercado Modelo. Morava em sua própria escuna e costumava observar a vida no forte: o tráfico de drogas que acontecia, estupros de que se ouvia falar..., o que lhe impulsionou a zelar pelo lugar.

"Em 29 de março do mesmo ano, eu, o cantor Gerônimo, e umas 20 pessoas chamamos a imprensa e fomos até o local para mostrar em que condições de degradação estava o forte", frisa. Para ele,

era necessário um projeto de revitalização cultural, que também ensinasse as crianças da região noções de como receber visitantes no lugar.

O forte acabou se tornando a casa e o local de trabalho de Zé do Patu, que se mudou para lá, como uma forma de tentar preservar o local. "Eu ficava no forte para evitar que as pessoas entrassem e fizessem o que queriam lá dentro", acrescenta. Quando algum visitante queria conhecer o local, ele improvisava uma escada de parapeito, com cordas e madeira, e carregava a pessoa pelo mar até a escada.

E pagava do seu próprio bolso quando precisava limpar o monumento e comprar ferramentas para reparar a in-

fra-estrutura. "Paguei barcos para trazer entulho para a terra: eram seringas, latas e muito lixo. Levei uns 40 dias sem vir para a terra. Pescava, assava e continuava a fazer meus trabalhos, que eram o meu sustento", recorda.

Apesar de todo o amor e cuidado que Zé do Patu nutria pelo forte, ele conta que sofreu perseguições e precisou deixar o local em setembro do ano passado. "Desde então, tenho medo de voltar lá. É uma pena, porque passei a ter o forte como parte de mim, eu costumava reunir as crianças e contar histórias do lugar. Meu projeto era transformá-lo num centro de oficinas de cidadania para crianças e adolescentes da região", finalizou.



Zé do Patu alega que sofreu perseguições e teve que deixar o local